

PICAPAU
AMARELO

REINAÇÕES DE NARIZINHO

MONTEIRO LOBATO

adaptação de SILVANA SALERNO • FERNANDO NUNO
ilustrações de RAQUEL MATSUSHITA

PROJETO DE LEITURA

elaborado por NINFA PARREIRAS

Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), psicanalista, membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (Spid), mestre em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), professora de Literatura e escritora.



SEJA BEM-VINDO!

A **Coleção Picapau Amarelo** traz a obra de Monteiro Lobato em uma versão que, embora atualizada, preserva o conteúdo e a forma originais. Foram mantidas a prosa coloquial e a criação daquele universo de pessoas, bichos e seres fantásticos do Sítio do Picapau Amarelo que marcou gerações. Os leitores vão descobrir personagens mergulhados em aventuras concretas e imaginárias nos diferentes episódios distribuídos ao longo dos volumes.

Adaptações de obras clássicas podem provocar diversas reações nos leitores, mas vale ressaltar que essa nova versão da narrativa lobatiana soube atualizar e adaptar o texto-fonte mantendo a fidelidade ao original. As alterações foram essenciais para uma adaptação para o século XXI, com uma linguagem mais próxima à atual, a adequação de assuntos relevantes e indispensáveis e a excisão de passagens desnecessárias ao fluxo geral das narrativas. A rotina, os personagens, as idiossincrasias da obra, bem como a prevalência da fantasia foram mantidas – tudo isso para trazer a ambiência mágica do Sítio do Picapau Amarelo para o século XXI.

Por exemplo, os comentários racistas e condescendentes contra Tia Nastácia, feitos principalmente pela boneca Emília, e as descrições depreciativas foram removidas. As longas passagens sobre Astrologia, que não têm impacto significativo na narrativa,

também foram suprimidas e, no caso de informações astrológicas ultrapassadas, adaptadas. Afinal, muito se avançou nos estudos dos astros nos últimos cem anos.

As histórias do Gato Félix e as fábulas de La Fontaine e de Esopo, recontadas na obra original, também foram cortadas desta edição. Hoje, diferentemente da época de Lobato, há inúmeras publicações de obras desses autores disponíveis para leitura, sendo desnecessário recontar tais histórias aos leitores. O objetivo da edição foi destacar as renaixões que dão voz aos personagens do sítio e suas aventuras.

Com um trabalho artesanal, ao modo da Tia Nastácia, feito a seis mãos, Silvana Salerno e Fernando Nuno (autores que ficaram a cargo da adaptação) ao lado de Raquel Matsushita (ilustradora e *designer*) utilizaram suas amplas experiências com a literatura infantil e juvenil para recriar o universo lúdico da narrativa lobatiana. São autores reconhecidos e premiados.

Silvana Salerno estudou Jornalismo e Letras na Universidade de São Paulo. Além de ter publicado mais de 20 obras, é especializada em Literatura e Artes. Fernando Nuno também estudou Jornalismo e Letras na Universidade de São Paulo. É escritor, tradutor, já adaptou algumas obras clássicas da literatura e trabalha como editor. Raquel Matsushita estudou Publicidade e Propaganda na



Universidade Metodista de São Paulo e fez especialização em Design Gráfico na Escola de Artes Visuais de Nova York. Suas ilustrações e projetos gráficos estão em várias obras publicadas.

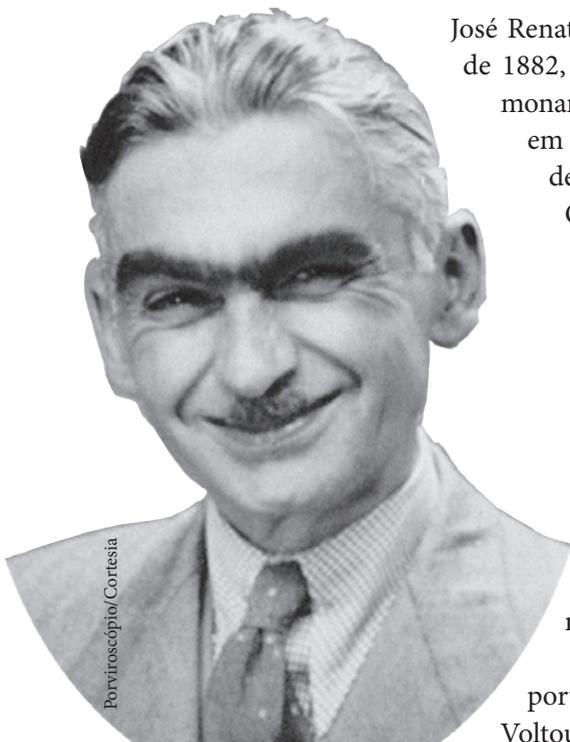
Cada volume é um convite ao manuseio e à leitura – individual ou compartilhada. Sim, compartilhar essas histórias pode ser uma maneira afetiva de repetir o que acontecia no sítio: reunir as pessoas em torno da milenar arte de contar histórias, ler em voz alta, folhear as páginas, tocar as ilustrações e sentir cores e texturas de retalhos – matéria-prima da boneca Emília. Assim, o livro traz uma variedade de linguagens (visual, textual, gráfica) para dialogar com alunos e professores.

Uma apresentação de Magno Silveira (*designer*, pesquisador e colecionador da obra de Monteiro Lobato) abre cada título, nas orelhas da obra. É um verdadeiro passeio histórico pelas peripécias da turma do sítio. Além de admirador da obra do autor, ele criou o catálogo *Ilustradores de Lobato: a construção do livro infantil brasileiro – 1920-1948*, o que atesta seu conhecimento e propriedade para falar historicamente dos livros lobatianos.

Antes mesmo da narrativa, somos apresentados a uma galeria dos personagens principais, com ilustrações de Raquel Matsushita. Já é um convite para conhecer aqueles que vão habitar as páginas de cada livro.



APRESENTAÇÃO DO AUTOR



José Renato Monteiro Lobato, Juca, nasceu em 18 de abril de 1882, em pleno império de D. Pedro II – tempo da monarquia, da escravidão e da agricultura do café –, em Taubaté, São Paulo. Seu avô era o Visconde de Tremembé e sua avó, Anacleta. José Bento e Olympia eram seus pais. Judith e Esther eram suas irmãs mais novas.

Por causa da bengala do pai com as iniciais JB, em 1893, aos 11 anos, Lobato trocou de nome para José Bento, como uma identificação paterna e uma consciência de si. Queria que a bengala fosse dele no futuro.

Ele morou na fazenda do avô, onde também passava as férias. Aprendeu a ler em casa com a mãe e foi para a escola aos 7 anos. Não era um aluno exemplar e costumava arrumar confusões na hora do recreio.

Aos 13 anos, foi reprovado num exame de língua portuguesa, para entrar em uma escola em São Paulo. Voltou para Taubaté e escreveu *Rabiscando*, com o pseudônimo de Josben.

Lia revistas e livros da biblioteca do avô. Aos 16 anos, perdeu o pai e aos 17, a mãe, tornando-se órfão ainda na adolescência. Aos 17 anos, foi novamente para São Paulo.

Escrevia cartas e queria ser pintor, mas seu avô desaprovou; desejava que o neto fosse advogado. Logo, ele entrou para o Grêmio Literário na escola e para a Arcádia Acadêmica na faculdade.

Escrevia para o jornal *O Onze de Agosto*, jogava futebol e frequentava o Café Guarani. Naquela época, recebia latinha de iças torradas (formigas), vindas da fazenda para a capital. Participou da república O Minarete e do Grupo Cenáculo. Tudo isso foi moldando a formação literária do futuro autor – e nos mostrou sua vitalidade e seu empreendedorismo desde jovem.

Embora Lobato tenha se formado em Direito, sua vocação era mesmo para as artes: a pintura, a fotografia e o mundo das letras e dos livros. Suas decepções com o mundo adulto o levaram a escrever para crianças, na tentativa de formar pessoas melhores:



“Um país se faz com homens e livros” é sua célebre frase recolhida em cartas a amigos.

É interessante pensar como até hoje sua obra e sua atuação literária provocam discussões. Lobato envolveu-se com assuntos polêmicos nos campos artísticos, sociais, políticos e econômicos e não poupou esforços para defender suas crenças.

Ele foi, por exemplo, pioneiro ao incluir personagens negras (Tia Nastácia, Tio Barnabé, Saci) nas obras. Por outro lado, os tons racistas e as descrições depreciativas frequentemente usados em suas narrativas deixam clara a influência das circunstâncias de seu nascimento e sua criação (final do século XIX e início do século XX). Certamente inaceitáveis hoje em dia, suas palavras são um reflexo de um preconceito intrínseco àquela sociedade.

Não podemos, no entanto, restringir sua obra apenas a um de seus aspectos. Seus textos, escritos para crianças e tão calcados em imaginação e fantasia, foram e continuam sendo inspiradores e dignos do *status* de “clássicos”. Eis o motivo desta adaptação. Além de uma narrativa divertida e cheia de aventuras, clássicos como estes também podem ser usados para que gerações futuras aprendam a contextualizar textos históricos, na tentativa de entenderem o passado de seu país e todas as formas pelas quais os anos mudaram – ou não – a sociedade como um todo. De um valor intrínseco inestimável, sua produção literária pode e deve ser trabalhada em sala de aula. Nas histórias, Lobato deu espaço às crianças como protagonistas, não como meras personagens secundárias. E ainda



construiu um modelo de família totalmente de vanguarda: com duas mulheres adultas à frente da sustentação familiar, dos serviços da casa e da educação das crianças. Trouxe um modo inclusivo de dar voz a diferentes pessoas, a personagens de outras histórias e do folclore, a bichos etc.

Não foi apenas autor, mas trabalhou também como editor e tradutor. Morou em diferentes cidades, bem como nos Estados Unidos (numa missão diplomática como adido comercial) e na Argentina (num autoexílio).

Ele concedeu uma entrevista à Rádio Record no dia 2 de julho de 1948, poucos dias antes de falecer. Estava desencantado

e empobrecido, aos 66 anos de idade. “O petróleo é nosso!” foi a frase conclusiva de sua participação na rádio, manifesto de seu caminhar na contramão dos interesses dominantes. Faleceu em 4 julho de 1948, e o cortejo em seu velório foi seguido por 10 mil pessoas, que entoaram o Hino Nacional.

Suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, como francês, italiano, inglês, alemão, espanhol, japonês e árabe, sendo lidas por diferentes gerações ao longo de cem anos. Ele é considerado o patrono da Literatura para a Infância e a Juventude no Brasil: 18 de abril é o Dia Nacional do Livro Infantil em homenagem a Monteiro Lobato.



Revista Vamos ler!, 27/06/1946 / Acervo Magno Silveira



REINAÇÕES DE NARIZINHO

Entre 1920 e 1947, Lobato publicou 23 livros que compõem a coleção O Sítio do Picapau Amarelo. *A menina do nariz arrebitado* (*Reinações de Narizinho* na edição atual) foi o primeiro, lançado em 1920, com a arriscada tiragem de 50 mil exemplares, vendidos em poucos meses. Ele dizia que não era um autor de infantilidades e, sim, um autor infantil. Queria escrever livros para as crianças lerem e morarem neles: “Ainda acabo fazendo livros em que as nossas crianças possam morar”. Notamos aí sua afetividade e a valorização do sentimento em relação à leitura.

Caro professor, isso pode ser o mote de seu trabalho com a obra de Lobato: a leitura como gesto de afetividades e o livro como objeto que acolhe todos os alunos e as múltiplas leituras.

Fazem parte deste livro oito capítulos que apresentam os personagens, o sítio, o contexto daquele lugar mágico e toda a sorte de aventuras: “Narizinho”, “Pedrinho”, “O casamento de Narizinho”, “A turma do País das Maravilhas”, “O irmão de Pinóquio”, “O mundo da imaginação”, “O pó de pirlimpimpim” e “Melhor que o pirlimpimpim”.

Ao final do livro, Fernando Nuno e Silvana Salerno compartilham um texto de apoio e de contextualização para professores e mediadores de leitura: “Porque a imaginação e a cultura não morrem”. Eles atualizaram as histórias de Lobato e lhes deram nova vida, focando na imaginação e espírito aventureiro dos personagens. Uma reprodução em cores da capa da primeira edição de *Reinações de Narizinho*, da Companhia Editora Nacional, do acervo de Magno Silveira, também faz parte do volume. E há biografias de Monteiro Lobato, dos adaptadores e da ilustradora – um farto material para pesquisa e enriquecimento de sua leitura. Com isso, você poderá contextualizar a leitura de *Reinações de Narizinho* sob o ponto de vista cultural, histórico, social, linguístico, literário e artístico.

Uma parte importante dessa contextualização é abordar questões relacionadas aos detalhes da obra e do autor, pontos essenciais para instigar sua curiosidade e direcionar o debate da obra com os alunos, como: O que faz a obra de Lobato ser tão polêmica na atualidade? Por que a linguagem, os conteúdos e os enfoques foram revolucionários? E por que algumas abordagens são preconceituosas?



É papel da literatura abrir debates e reflexões sobre a história e a atualidade. Mesmo para sua época, Lobato abordou temas polêmicos, que continuam sendo relevantes. Ainda enfrentamos diferenças sociais graves no país em relação às oportunidades para grupos marginalizados (negros, indígenas, pobres, mulheres, crianças etc.). Apesar de essa adaptação ter removido trechos e expressões racistas, é importante que isso não seja “apagado” da memória coletiva e que as crianças aprendam a enfrentar questões que fragilizam uma sociedade, como racismo e preconceito.

Outra questão fundamental a ser abordada é: Por que ler a obra de Lobato hoje? Considerado pai da literatura infantil brasileira, Lobato foi um divisor de águas na história da nossa literatura para crianças e jovens. Todas as inovações trazidas por ele à prosa literária prevalecem como modelos de uma criação comprometida com a infância e a ludicidade. Repare na revolução que ele faz com as crianças, os bonecos e as criaturas que passam pelo sítio. Reflita sobre o empoderamento das crianças, das mulheres e da própria literatura como meio

de conquista de uma cidadania consciente e consolidada.

Os autores contemporâneos que começaram a publicar nas décadas de 1960 a 1990 herdaram muitos dos recursos utilizados por Lobato no início do século passado. Utilizam uma linguagem coloquial e intimista, dando voz à criança, usando a fantasia como força-matriz das histórias, como fizeram Ana Maria Machado, Lygia Bojunga e Ruth Rocha, que já declararam em entrevistas o sabor dessa herança literária, além de terem textos com esses registros. Como exemplo, Lygia Bojunga confessa que a obra *Reinações de Narizinho* foi um dos casos de amor da sua vida:

“Lá em casa eles me viram tão entregue a esse livro, tão quietinha num canto, só eu e o livro, que eles me deram, correndo, uma porção de Lobatos. Eu li; eu experimentei eles todos; eu curti. Mas *Reinações de Narizinho* tinha me dado um prazer tão intenso, que era pra ele que eu voltava sempre ao longo da minha infância.”

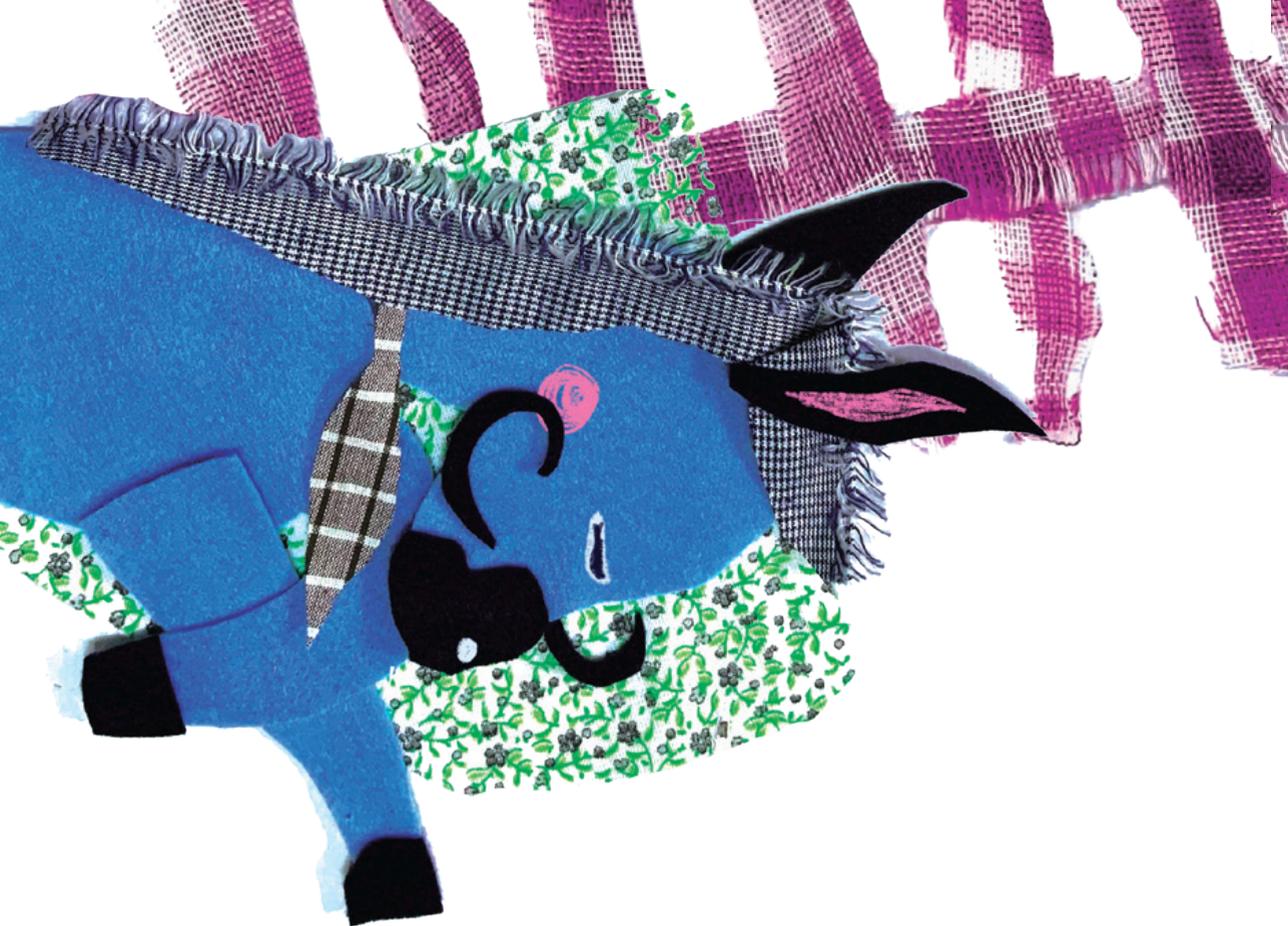
BOJUNGA, Lygia. *Livro: um encontro*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004. p. 19.





Acima de tudo, Lobato fez literatura. Quando apresenta a opção pelo infantil, ele firma seu compromisso com o imaginário – elemento necessário numa produção literária. O infantil habita todos nós – crianças, adolescentes e adultos.

Ao modo de Sigmund Freud (1856-1939), criador da Psicanálise, é o infantil que nos faz criar. É a infância que nos habita que solta nossa imaginação e nossa língua. Com isso, os aspectos associados ao brincar e ao brinquedo nos reconectam com a liberdade criadora da brincadeira e da fantasia. Brincamos com palavras, e as palavras nos plugam ao inconsciente – espaço sem regras, sem razão. *Reinações de Narizinho* nos instiga a brincar, a revirar o mundo recheado de regras. Entre mandos e desmandos dos adultos, reparamos como há personagens transgressores, que dão voz à criança.





Este volume pode ser trabalhado em aulas, em um bimestre, em um trimestre ou em um projeto. A distribuição de leitura dos capítulos ficará a cargo de cada professor. É importante que você leia o livro antes do trabalho com os alunos e consiga conhecer também as obras que aparecem citadas ou comentadas na história de Lobato.

No Capítulo 4, por exemplo, pode ser explorado o diálogo com textos em que aparecem os personagens Cinderela, Branca de Neve, Pequeno Polegar, Chapeuzinho Vermelho, Ali Babá, Aladim, Gato de Botas, Peter Pan. O que fazer com todas essas referências de histórias e de personagens?

Uma das possibilidades seria investir na intertextualidade, uma conversa entre textos, entre autores, entre temas. Que tal vocês lerem ou lembrarem essas histórias? Isso é muito bom de ser explorado, porque

todos terão voz para associar a leitura à sua vida, à sua trajetória. Ao associar obras, abre-se espaço para o fortalecimento das identidades, a aceitação da singularidade de cada um e a construção de uma alteridade, de respeito ao outro. Além, claro, de se investir na autoestima de crianças e de jovens, fortalecendo-a.

Se um aluno não gostou do Pequeno Polegar, por exemplo, pode ser que goste da Cinderela. São histórias de caráter universal porque se tornaram clássicas e continuam lidas por milhares de gerações ao longo de centenas de anos. No fundo, são contos que apresentam valores universais e elementos atemporais – ou seja, cabem no nosso tempo atual. Os alunos podem ler essas obras como indicações de leitura ou como livros a serem trabalhados paralelamente a *Reinações de Narizinho*.



SUGESTÕES DE ATIVIDADES

A riqueza de conteúdo do livro possibilita que ele seja trabalhado sob várias vertentes e por diversas disciplinas. Trazemos sugestões para instigar em você, professor, o desejo de desenrolar as reinações em atividades e reflexões. Veja a seguir algumas sugestões de como trabalhar alguns desses temas, de acordo com a BNCC, divididas pelas disciplinas para facilitar.

1. Leitura da obra

Uma boa forma de apresentar o livro aos alunos é propor uma leitura compartilhada em sala de aula. A leitura em voz alta ecoa no imaginário dos leitores. Manuseie, com a turma, o objeto livro, mostrando as ilustrações e o projeto gráfico. Fale um pouco sobre os autores: Monteiro Lobato (criador do Sítio do Picapau Amarelo); Silvana Salerno e Fernando Nuno (adaptadores); e Raquel Matsushita (ilustradora). Você pode propor aos alunos que pesquisem outras obras desses artistas. Converse com eles sobre os paratextos, como a introdução e a contextualização ao final. Explique o que seria uma adaptação, caso ainda não saibam. Finalmente, leia alguns capítulos em voz alta com o acompanhamento da turma ou peça que alguns alunos se revezem na leitura.

A obra traz diferentes linguagens a serem exploradas – texto, imagem e apresentação gráfica –, que podem ser abordadas sob

perspectivas distintas, como a tradição oral, a colagem ou a contação de histórias. Você pode abordar isso em sala de aula com os alunos.

Como dito anteriormente, o livro faz menção a vários personagens da literatura infantil clássica. Você pode citar, trabalhar ou até propor leituras adicionais para explorar as obras dos Irmãos Grimm (alemães, autores de contos maravilhosos, com diversas traduções no Brasil) e de Hans Christian Andersen (dinamarquês, considerado o patrono da literatura infantojuvenil no mundo, com muitas traduções disponíveis). Mencione aos alunos que no Capítulo 6, por exemplo, esses autores são citados e comentados.

*Essa proposta contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF15LP04**, **EF15LP09** e **EF15LP10**.*



2. Explorando diferentes aspectos da narrativa

Às vezes, a melhor maneira de trazer um livro para mais perto do leitor é mostrar como elementos da narrativa podem ser facilmente correlacionados com a vida da criança. Isso é especialmente relevante no caso de livros clássicos como este. Por isso, além da abordagem do texto durante as aulas de Língua Portuguesa, o livro pode também ser trabalhado em parceria com professores de outras disciplinas, como Ciências, Geografia, História e Arte.

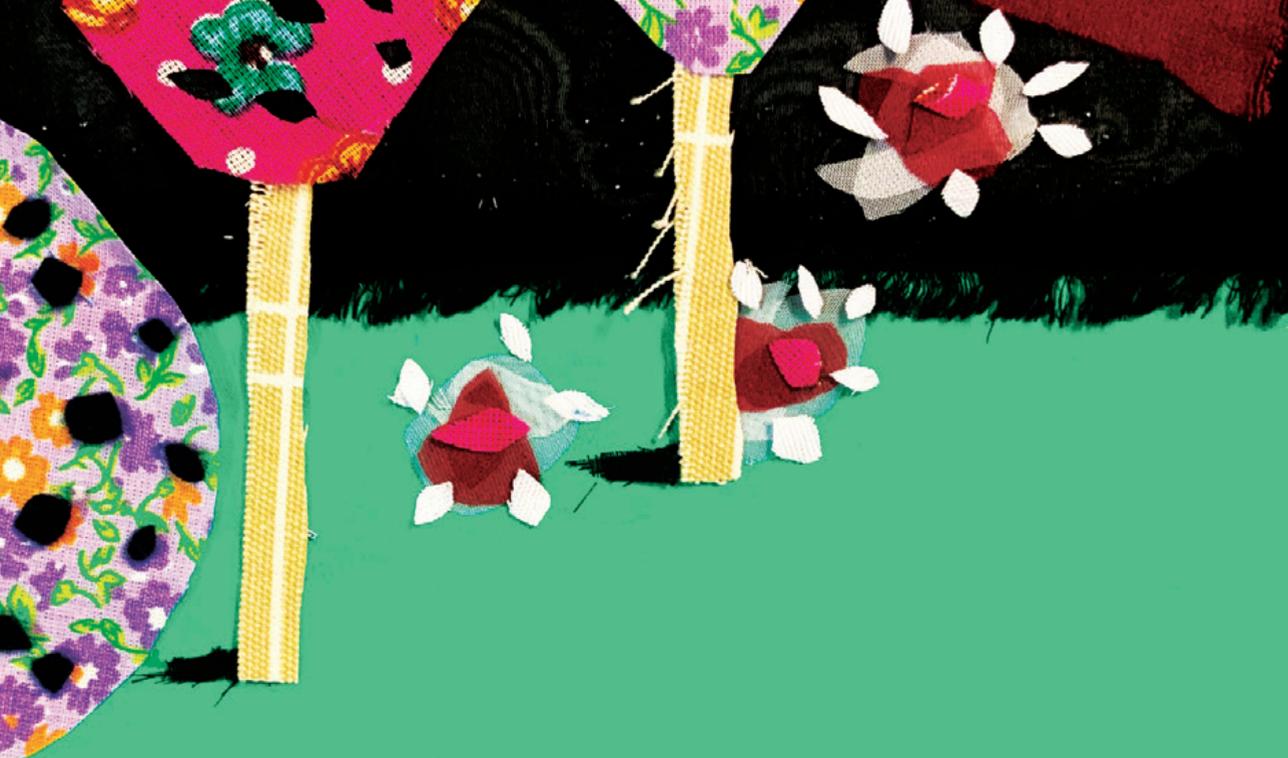
CIÊNCIAS

No caso de *Reinações*, o meio ambiente está muito presente e, por isso, pode ser trabalhado com os alunos durante as aulas de Ciências. Por exemplo, as cartas entre Narizinho e o Príncipe Escamado vinham acompanhadas de algum mimo da natureza: uma folhinha, um grilo, uma minhoca. A água, as plantas, os animais – toda a ambiência do sítio – podem servir de ponto de partida para que os alunos façam pesquisas e aprofundem seus conhecimentos sobre o meio ambiente. Alguns exemplos:

- Que usos os personagens faziam da água do sítio, além de matar a sede? E na vida de cada criança?
- Proponha que os alunos se atentem aos animais que aparecem na história ou são mencionados pelos personagens.
- Organize uma atividade em que cada aluno escolha um dos animais do sítio para estudar. Com a ajuda do professor de Ciências, eles podem determinar as características desse animal e até sua classificação no mundo animal. Podem também buscar outros animais que pertençam ao mesmo grupo, para ampliar o conhecimento e fazer transposições.

*Essa proposta contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Ciências: **EF03CI04, EF03CI05, EF03CI06, EF05CI04 e EF05CI05.***





ARTE

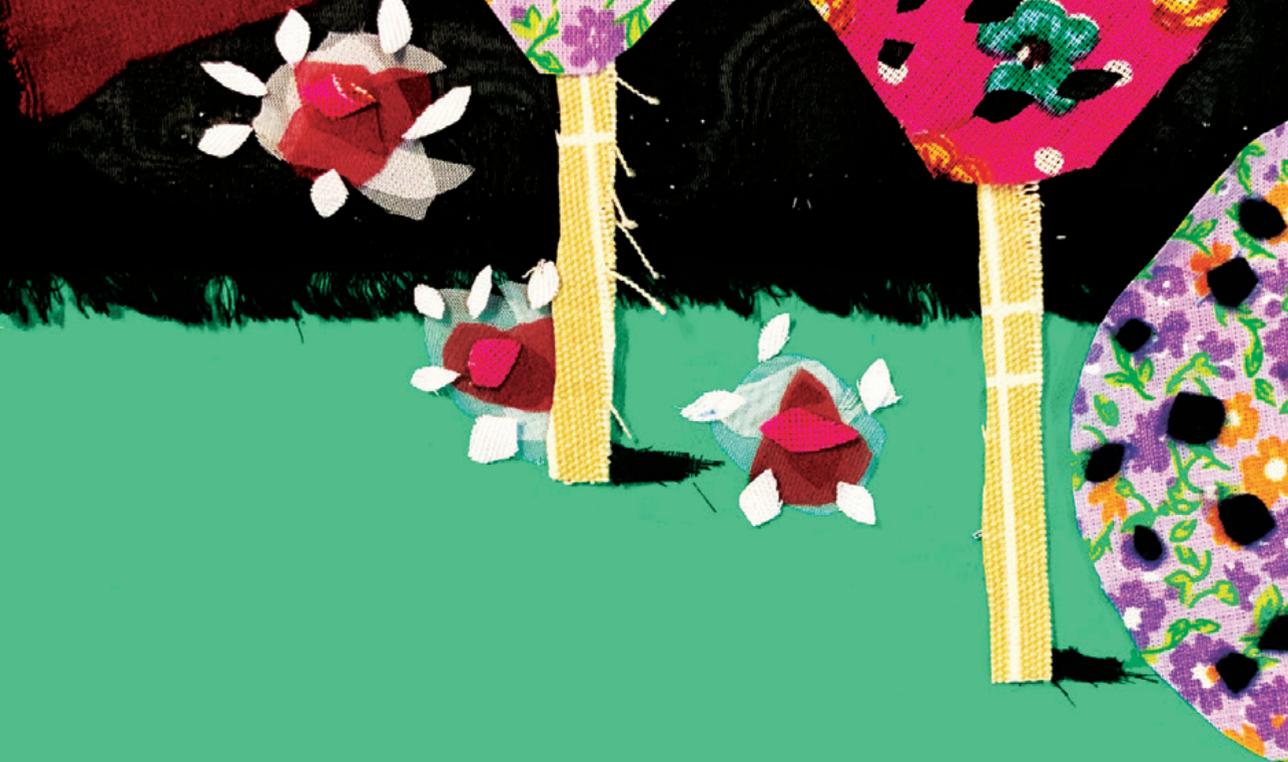
Nas aulas de Arte, há várias atividades que podem ser desenvolvidas. Uma delas seria propor aos alunos uma pesquisa de expressões do folclore que aparecem no livro, bem como suas variações regionais. Existem cantigas, quadrinhas e outras manifestações associadas a elas? Veja, por exemplo, o trecho da página 36, reparando nos destaques:

“ – Tia Nastácia anda precisando de um **pilãozinho de socar sal**. Assim ele fica servindo para alguma coisa. A princesa bateu com a varinha nele, dizendo: – **Vira que vira, vira virando, vira pilão!** – E o Visconde se tornou um pilãozinho. Tia Nastácia ficou assombrada e disse que não tinha coragem de socar sal com ele e guardou-o numa prateleira.”

Será que o pilão é usado na casa das crianças? Existe pilão de madeira, de pedra, de cobre, de alumínio. É um objeto que faz parte de tradições culturais regionais e vai parecer bem peculiar a cada local. Como o pilão é usado nas casas? Para socar temperos? Farinhas? Ou carnes? Ou, quem sabe, alimentos doces, como a rapadura?

Outro elemento a ser pesquisado é a presença de trechos na obra que remetem a uma cantiga. Esse que sinalizamos (**Vira que vira, vira virando, vira pilão!**) pode ser contextualizado com expressões folclóricas como “A canoa virou” (de autor desconhecido) e também com cantigas portuguesas da região do Douro (Portugal): “Vira, vira, virou / vira e torna a virar / Roda, roda, rodou”. O vira é um gênero musical do folclore português que veio para o Brasil e se mesclou a cantigas da tradição oral.





Nas aulas de Arte, seria interessante ainda explorar o processo de criação das ilustrações. Repare, por exemplo, nas ilustrações das páginas 70 e 71: o uso de texturas diferentes (linhas, seda, chita, algodão entrelaçado e muito mais). O que a escolha diversificada (em cores e tipos de padronagem e de tecelagem) pode dizer sobre a cultura brasileira? Os alunos podem pesquisar tecelagens artesanais e a história dos tecidos ou buscar na própria narrativa menção a pedaços de tecidos, artesanatos etc. Tia Nastácia, por exemplo, é a grande artesã do sítio e foi ela a responsável pela criação da boneca Emília. É Tia Nastácia também que cria as delícias saboreadas pelos outros personagens. Repare nos dois trechos abaixo:

“Chegou afinal o grande dia e vieram os grandes doces: seis cocadas, seis pés de moleque e uma rapadura, doce mais que suficiente para uma festa em que quase todos os convivas iam comer de mentira.” (p. 22)

“Tia Nastácia assava frangos, peru, leitão, fazia pastéis, doces e quanta coisa gostosa havia. Este ano não havia leitão porque Narizinho tinha escondido Rabicó mais uma vez. Mas não fez falta, porque o jantar foi uma delícia!” (p. 23)

As crianças podem pesquisar delícias regionais de suas cidades, as que estão presentes nas escolas, nas famílias e as que conhecem dos livros.

*Essas atividades contemplam as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Arte: **EF15AR01**, **EF15AR03** e **EF15AR07**.*

HISTÓRIA

Quando o livro foi escrito, o mundo estava em processo de mudança de paradigmas, marcado por revoltas, pelo fim do regime escravagista e a eclosão de guerras e de conflitos entre nações. Certamente, todas essas características impactam a narrativa e os personagens, mesmo que isso não seja diretamente mencionado.

Podemos citar a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), a Guerra dos Bálcãs (1912-1913) e a Guerra Civil Russa (1917-1923). Além de esses movimentos terem trazido grupos de imigrantes para o nosso país, deixaram marcas nas manifestações populares pelos direitos dos cidadãos e impactaram no cenário social brasileiro. Nos capítulos 4 e 5, repare no uso de obras e personagens clássicas de outros países, que facilmente participam das reinações, sem preocupação desnecessária com as distâncias entre cada território ou as diferenças entre os personagens – tudo evolui de forma fluída, num ambiente pacífico. Você pode usar a obra lobatiana *A chave do tamanho* (1942) para demonstrar

essa forte relação entre o momento histórico e a literatura, pois o texto se inspira muito na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Em 13 de maio de 1888, a escravidão foi abolida oficialmente no Brasil pela Lei Áurea, sendo o país o último a abolir essa prática no continente americano. Foram 38 anos de luta e resistência popular, desde 1850, quando foi aprovada a Lei Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico de negros. Em 15 de novembro de 1889, foi proclamada a república, quando termina o Período Imperial no Brasil. Isso trouxe impactos positivos e negativos para a sociedade no final do século XIX e início do XX. Como pontos positivos, sabemos que a população ganhou autonomia e sua participação política foi fortalecida. Isso pode ser verificado na atuação dos personagens do sítio, como seres autônomos e questionadores.

Como pontos negativos, podemos apontar a falta de oferta de empregos, a injusta distribuição de renda, o acesso elitizado ao ensino, a falta de moradia, a ocupação exacerbada dos centros urbanos e





outros aspectos que vão contribuir para a manutenção de um *status* econômico e social vigente até hoje. Nem todos tinham acesso aos bens de cultura e de educação; a saúde e a moradia não eram garantidas à totalidade da população pelo governo. Isso encontra reflexos na relação hierárquica entre Dona Benta e Tia Nastácia. Afinal, Tia Nastácia é empregada do sítio e ali reside. Ela não tem seu espaço próprio e independente.

Uma forma de os alunos enxergarem essa diferença histórica e até geracional é propor uma atividade que use o Brasil Imperial como peça central. É desse momento histórico que a narrativa deriva os títulos de nobreza, a exemplo de: Marquesa de Rabicó, Conde dos Bigodes de Manga, Visconde de Sabugosa, Condessa de Três Estrelinhas. Proponha aos alunos que façam uma pesquisa sobre sua cidade para identificar alguns ou todos os elementos citados abaixo:

- Resquícios que remetem à época colonial: Há nomes de ruas da época colonial? Talvez prédios que foram construídos antes de 1889?



- Direitos das crianças: Quando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi publicado? As crianças de hoje são diferentes das crianças da época do império ou até da época em que se passam as aventuras no Sítio do Picapau Amarelo (1930-1940)?

- Diferença entre classes sociais: Ainda existem atualmente preconceitos contra minorias, *gays*, negros, indígenas, pobres? Se achar pertinente, mostre aos alunos exemplos históricos e exemplos atuais de racismo e preconceito nas mídias.



- Marcos da memória dos personagens/marcos da memória dos familiares: Os alunos conseguem estabelecer uma conexão com os personagens do sítio? Eles têm uma avó que faz doces e/ou conta histórias, visitam algum sítio ou casa de parente no interior para brincar etc.?

- Escravidão no Brasil: Vocês sabem que 47% dos africanos capturados para serem escravizados vieram para o Brasil? Incentive a pesquisa de outros números, no *site* do IBGE, sobre a população brasileira e como ela se divide em negros, brancos, pardos, indígenas etc. Peça que explorem questões históricas relacionadas à escolarização e aos empregos disponíveis à população negra após a abolição da escravatura. Proponha aos alunos que pensem em ações que poderiam ter solucionado de alguma forma os vários problemas relacionados à escravidão antes e depois da abolição. Tente também trazer o debate para a situação atual da população negra.

*Essas atividades contemplam as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular História: **EF01HI05, EF03HI06, EF04HI05, EF05HI04, EF05HI05, EF05HI07 e EF05HI08.***



GEOGRAFIA

Nas aulas de Geografia, pode ser discutida a localização do sítio. Quais são as características do relevo local e da vegetação? Pode-se criar um mapa do local e outro imaginário, do Reino das Águas Claras. É uma maneira interessante de as crianças explorarem os vários elementos da cartografia, o que eles representam e como podem ser usados em diferentes tipos de mapas. Além disso, proponha a criação de um itinerário da história. Essa atividade pode ser feita de forma coletiva, com a orientação do professor de Geografia.

As ilustrações de Raquel Matsushita também são um ótimo material para essas brincadeiras/atividades. Proponha que comparem o modo de vida dos personagens do sítio e das outras histórias que são mencionadas durante a narrativa, por exemplo, a do Pinóquio, discutida no Capítulo 5. Nesta atividade, o interessante é comparar dois estilos de vida diferentes – campo (sítio) e cidade (onde Pinóquio mora) – e ajudar os alunos a refletir: Há diferenças? Há semelhanças? Quais? Você também pode explorar outros detalhes da narrativa, como alimentos, vestuário, hábitos, linguagem etc. Inclusive, a discussão pode se basear no levantamento desses elementos em relação à posição social dos diferentes personagens.

*Essa proposta contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Geografia: **EF01GE08, EF01GE09, EF02GE04, EF03GE05, EF04GE01 e EF05GE02.***



E ALÉM...

A riqueza do texto e do mundo criado por Monteiro Lobato significa que o trabalho com a leitura não precisa se limitar às sugestões anteriormente descritas. Você pode explorar outros temas pinçados ao longo da obra. Isso pode resultar em boas conversas na turma ou em debates com as famílias ou colegas de outras turmas. Elencamos alguns, caro professor, mas você também pode selecionar outros:

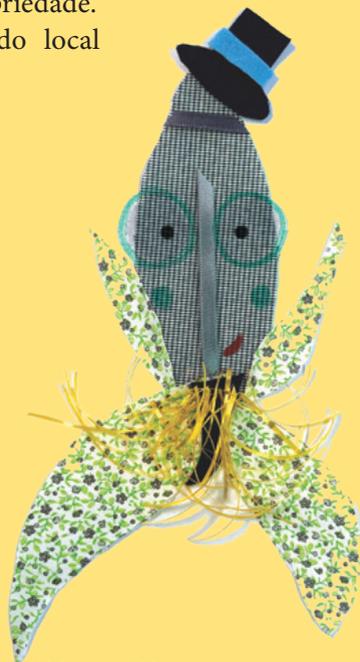
- Identidade: das crianças, da família, dos personagens.
- **Diversidade:** de pessoas, de bichos, de seres fantásticos.
- **Ressignificação de objetos e de sentimentos:** a criação da boneca Emília com retalhos de tecidos.
- **Protagonismo das mulheres e modelos familiares**

contemporâneos: em sua primeira obra infantil, Lobato nos apresentou uma estrutura familiar baseada em mulheres: Dona Benta, Tia Nastácia e até a mãe de Pedrinho, mencionada apenas de passagem. Isso é interessante, pois nas primeiras décadas do século XX, quando o texto foi escrito, mulheres não costumavam administrar seus bens ou ter autonomia para reger a vida sem a presença de um homem. Com a ajuda de Tia Nastácia, Dona Benta tomava conta das crianças e do sítio, sem menção alguma a figura de um homem, tido como provedor ou administrador da propriedade.

- **O aspecto nacional:** presente na escolha do local (meio rural), dos personagens, das tradições.

- **A voz e o olhar da criança:** nas brincadeiras, nas refeições, a criança tem voz ativa. É escutada pelas adultas. Veja estes exemplos:

“– Coitada da vovó! – disse um dia Narizinho. – De tanto contar histórias ficou que nem bagaço de caju; a gente espreme, espreme e não sai mais nem um pingão.”





Era a pura verdade aquilo, tão verdade que a boa senhora teve de escrever a um livreiro de São Paulo pedindo que lhe mandasse todos os livros novos que fossem lançados. O livreiro mandou um livro, depois outro, depois outro e por fim mandou o Pinóquio.” (p. 41)

“Tia Nastácia abriu a maior boca do mundo.
– E fala mesmo, sinhá! – exclamou, assombrada. – Fala que nem gente! Credo, o mundo está perdido!” (p. 16)

- **Valorização da natureza:** a história se passa numa área rural, com total ocupação da natureza; há bichos, há plantas e recursos minerais, como a água.

- **Autonomia do leitor:** se os personagens rompem com a ordem (tida como) natural das coisas, o leitor também se sente autorizado a questionar. Um bom exemplo é a boneca Emília, que bastou ingerir uma pílula para se tornar falante. Outro aspecto a considerar é o saber ler as cartinhas. Quem lê e domina o código escrito da língua tem autonomia.

- **O maravilhoso:** temos o País das Fábulas, o Mundo das Maravilhas e o Reino das Águas Claras. Assim se constitui a arte lobatiana: fundir maravilhoso e real, criar o maravilhoso do conto artístico brasileiro. Para os personagens “reais” do sítio, tudo é possível, inclusive aos olhos dos adultos: Dona Benta e Tia Nastácia, depois de constatarem que a boneca Emília falava como um ser humano, passaram a crer nas possibilidades do impossível.



SUGESTÕES DE CONTEÚDO PARA O PROFESSOR

Por meio das atividades sugeridas neste suplemento, pretendemos auxiliar você, professor, a abordar o livro e os assuntos em sala de aula. Contudo, este trabalho não deve ser limitado. A seguir, algumas indicações de leitura e filmes para ajudá-lo a expandir as discussões.

Artigo

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ra/v47n1/a01v47n1. Acesso em: 17 jul. 2020.

Filmes

ALICE no País das Maravilhas. Direção: Tim Burton. EUA: Disney/Buena Vista, 2010. 1 DVD (108 min). Classificação indicativa: livre. HISTÓRIAS cruzadas. Direção: Tate Taylor. EUA, Índia, Emirados Árabes Unidos: Disney/Buena Vista, 2011. 1 DVD (137 min). Classificação indicativa: 12 anos.

Livros

BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2013.
BOJUNGA, Lygia. *Um encontro*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.
CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
WALKER, Alice. *A cor púrpura*. São Paulo: José Olympio, 2009.



Bibliografia crítica sobre Monteiro Lobato

AZEVEDO, Carmem Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Wladimir. *Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 2000.

DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse desconhecido*. Itajaí: Univali; Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato – Literatura comentada*. São Paulo: Nova Cultural, 1981.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. *Monteiro Lobato, livro a livro*. São Paulo: Editora da Unesp; Imprensa Oficial de São Paulo, 2008.

LOPES, Eliane M. T. et al. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PENTEADO, J. Roberto W. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.





**Editora
do Brasil**

 www.editoradobrasil.com.br

 atendimento@editoradobrasil.com.br

 facebook.com/editoradobrasil

 youtube.com/editoradobrasil

 instagram.com/editoradobrasil_oficial